



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARISA WASEM

(entrevista)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-800

Entrevistada: Marisa Wasem

Nascimento: 09/08/1976

Local da entrevista: Campo Bom, RS

Entrevistadores: Jamile Mezzomo Klanovicz

Data da entrevista: 05/08/2017

Transcrição: Leila Carneiro Mattos

Copidesque: Jamile Mezzomo Klanovicz

Pesquisa: Jamile Mezzomo Klanovicz

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 14 minutos e 36 segundos

Páginas Digitadas: 8 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da dissertação de mestrado de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *Histórias, memórias e narrativas de mulheres no handebol do Rio Grande do Sul: contextualizando o universo do apito*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em agosto de 2019.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Trajetória no handebol; Competições que participou; Presença de público; Técnica de handebol; Curso de arbitragem de handebol; Dificuldades; Competições que apita; Arbitragem; Desempenho da seleção brasileira em competições; Mulheres na arbitragem nos Jogos Olímpicos; Relação com a torcida; Visibilidade.

Campo Bom, 05 de agosto de 2017. Entrevista com Marisa Wasem a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. - Primeiramente quero te agradecer por ceder esta entrevista e eu gostaria que tu iniciasse contanto um pouco da tua formação e como tu iniciou no esporte.

M.W. - Bom, eu comecei no esporte na escola ainda, a gente tinha aula de Educação Física e nisso o professor Sérgio¹ que foi meu primeiro professor, ele ingressou, começou com um projeto de handebol na escola, eu comecei a jogar, treinar, eu era goleira na época, gostei, me *apaixonei* já de cara pelo esporte. E aí no segundo ano trocou, entrou o Betinho² como treinador, que hoje é o meu atual treinador na Feevale³. E ele que olhou para mim e disse assim: “Tu não vai jogar no gol, tu vai jogar na linha” [riso], e daí comecei e dali em diante só foi. Foi muito bom!

J.K. - Essa escola que tu iniciou, é ali em São Leopoldo⁴ mesmo?

M.W. - Não, a escola que eu iniciei foi em Sapiranga⁵, no Colégio Luterano⁶ e depois eu continuei no Genuíno Sampaio⁷.

J.K. - Certo! E como tu chegou a se tornar árbitra de handebol?

M.W. - Faz anos que eu jogo handebol, então eu sempre ficava pensando assim: “Pô, vai chegar uma época que eu vou parar de jogar e não vou conseguir jogar mais.” Mas eu não queria me afastar do esporte, então, já *na escola* quando a gente tinha inter-séries essas coisas, depois que eu fui para o clube e comecei a jogar no Cairú Lojas Paquetá em Sapiranga. O técnico, o Cláudio Augustin, ele fazia campeonatos nas escolas e ele pegava

¹ Nome sujeito a confirmação.

² Nome sujeito a confirmação.

³ Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo.

⁴ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

⁵ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

⁶ Escola Luterana São Mateus.

⁷ Escola Estadual Genuíno Sampaio.

sempre as mais velhas para apitarem, e eu comecei assim, de vagarinho, apitava um joguinho aqui e outro ali. E aí quando eu parei de jogar que eu comecei.... E o pessoal precisa de árbitros, eu comecei a apitar campeonatos escolares e fui indo, fui indo, e eu comecei a apitar o JERGS⁸, e fui convidada pela Federação⁹ por que eu já conhecia alguns árbitros que apitavam meus jogos, para ir apitar a final do JERGS lá em Santa Rosa¹⁰ e eu fui! Gostei da experiência, ir lá apitar com o pessoal todo. E os mais velhos que me viram, que sempre apitavam os meus jogos, ficaram *felizes* que me viram e coisa e tal. Daí eles fizeram um curso no ano seguinte, que foi em 2012, e eu fui participar do curso e eu me formei árbitra. Já faz quatro anos que eu estou na Federação agora.

J. K. - Bastante tempo já!

M.W. - Sim, faz tempo!

J.K. - E para se tornar árbitra, como funciona o curso?

M.W. – São três dias de curso, a gente tem toda uma parte teórica, que eles explicam as regras e algumas situações de jogo e são aplicadas provas, perguntas sobre as regras. E depois a gente tem a parte física, onde a gente faz o teste físico, que é o teste do bip¹¹, e tu tem que atingir a nota na teoria e passar no teste físico para ser aprovada na Federação.

J.K. - Então, atualmente tu é árbitra federada, que seria árbitra Estadual?

M.W. - Isso!

J.K. - E para se tornar árbitra Nacional e Internacional, como que funciona as etapas?

M.W. - É assim: a Federação indica uma dupla para a Confederação¹² e a gente vai até onde será realizado o curso. E é a mesma coisa, tem as partes teóricas, tem as provas e os

⁸ Jogos Escolares do Rio Grande do Sul.

⁹ Federação Gaúcha de Handebol.

¹⁰ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

¹¹ Teste de avaliação física.

¹² Confederação Brasileira de Handebol.

testes físicos, e tu tem que passar em todas para ser aprovado. Se não tu não passa, no Nacional não tem idade para tu poder fazer, já o Internacional tem um limite de idade para participar! Tem que falar inglês fluente, porque na Internacional a prova é toda em inglês. A parte teórica é toda em inglês, então, tu tem que saber.

J.K. - Precisa ter uma formação para além do conhecimento da arbitragem.

M.W. - Isso!

J.K. - E tu já chegou a atuar em algum clube como técnica de handebol?

M.W. - Em clube não! Eu ajudei aqui em Campo Bom¹³, um professor daqui o Aristaco¹⁴, mas sozinha assim, com equipe, nunca fiquei.

J.K. - E atualmente tu te dedica exclusivamente como árbitra de Handebol?

M.W. - Não, eu trabalho também, eu dou aula em um projeto de handebol nas escolas aqui em Campo Bom.

J.K. - Certo! Voltando um pouco sobre a tua formação, quando tu iniciou na arbitragem tu sempre apitou com a mesma dupla?

M.W. - Não. Quando eu fiz o curso de arbitragem eu não tinha dupla, eu estava sozinha. Sempre apitei, apito com todo mundo. Agora entrou a Priscila¹⁵ e fizemos uma dupla.

J.K. - E daí, vocês se juntaram, para formar uma dupla.

M.W. - É!

J.K. - E hoje no quadro de arbitragem da Federação Gaúcha, são mais ou menos quantos árbitros e árbitras?

¹³ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

¹⁴ Nome sujeito a confirmação.

M.W. - São mais ou menos, vinte e dois árbitros.

J.K. - E quantas mulheres fazem parte deste quadro?

M.W. - Quatro mulheres.

J.K. - Duas duplas?

M.W. - Sim! [riso]

J.K. - Eu gostaria que tu me contasse um pouco sobre as competições que tu já participou, tanto como árbitra quanto como jogadora.

M.W. – Olha, eu já joguei de tudo, menos o JUBS que é são os Jogos Universitários Brasileiros. Particpei do Gaúcho¹⁶, mas no Campeonato Brasileiro, infelizmente esse ano a gente não ganhou para poder jogar. Joguei em Campeonatos Brasileiros, fui campeã várias vezes no juvenil, no adulto, no cadete... Estaduais também tenho vários títulos, que a gente sempre foi campeã. Pela Ginástica de Novo Hamburgo¹⁷ que era o professor Renato Arena, que era o professor na época... Porque eu saí de Sapiranga e fui jogar em Novo Hamburgo, e daí ele saiu da Ginástica de Novo Hamburgo e foi para o Santa Catarina¹⁸ e joguei lá com ele também, Estaduais e Liga Nacional¹⁹. E de árbitra eu apitei bastante campeonatos também: campeonatos escolares, JERGS²⁰, estadual todas as categorias, os Campeonatos Abertos que tem em Porto Alegre²¹, Campo Bom²², Canoas²³... Apito *Beach*²⁴, que é o handebol de areia, que tem o Estadual e tem o Circuito Verão SESC²⁵.

¹⁵ Priscila Nedel.

¹⁶ Campeonato Estadual de Handebol Feminino.

¹⁷ Sociedade de Ginástica de Novo Hamburgo.

¹⁸ Colégio Santa Catarina.

¹⁹ Liga Nacional de Handebol Feminino.

²⁰ Jogos Escolares do Rio Grande do Sul.

²¹ Capital do Estado do Rio Grande do Sul.

²² Município do Estado do Rio Grande do Sul.

²³ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

²⁴ Handbeach.

J.K. - E a presença do público, como é nessas competições?

M.W. - No *Beach* tem muito mais que em quadra. Em quadra às vezes, assim, infelizmente, a gente tem pouco público, dificilmente tem bastante gente no ginásio. *Bem diferente* da época que eu jogava, quando eu era mais nova, porque a gente chegou a jogar um Campeonato Brasileiro Juvenil, lá em Goiânia²⁶ e o ginásio era lotado de gente. A gente jogou em uma Universidade e aí o pessoal todo se juntou para torcer para a nossa equipe... E eu sei que a final foi do outro lado da cidade, era bem longe, o ginásio era pequeno, a arquibancada era só de um lado e tinha três carreirinhas só de banco, e o pessoal lotou dois ônibus e foram para lá, e lotaram aquele ginásio para torcer para a gente. *Olha, eu nunca mais esqueci esse campeonato!* No Rio²⁷ também a gente já jogou lá um Campeonato Brasileiro Juvenil, também tinha bastante gente, e o pessoal vai lá torcer, aqui... Na minha época em Sapiroanga sempre lotava o ginásio lá, sempre enchia de gente. Na Sociedade Ginástica também já lotou para olhar, agora, hoje em dia que o pessoal não vai mais para assistir, geralmente é só a família que vai, mãe, pai, irmã, parentes, primos, amigos assim, mas dificilmente tem público.

J.K. - Sim, é complicado!

M.W. - É!

J.K. - Tu saberia me dizer quem foi a primeira árbitra de handebol aqui no Brasil?

M.W. - *Bah*²⁸, no Brasil eu não vou saber te dizer.

J.K. - E do Rio Grande do Sul?

M.W. - Do Rio Grande do Sul também, eu não sei se foram elas, que era a Gabriele²⁹ e a Vanessa³⁰ que elas já não atuam mais, mas não sei se foram elas. Porque na minha época

²⁵ Serviço Social do Comércio do Rio Grande do Sul.

²⁶ Capital do estado de Goiás.

²⁷ Rio de Janeiro.

²⁸ Expressão regional.

²⁹ Gabriele Bortoluzzi.

eu não lembro de ter mulher apitando, sempre era homem, até hoje em dia se tu ver, a maioria sempre é homem. Mulheres são poucas que tem, até pelo preconceito e coisa e tal, sempre tem aquelas histórias.

J.K. - Tu saberia me dizer, porque se deve esse número de mulheres na arbitragem?

M.W. - Não sei o porquê, talvez porque o acesso seja difícil, mas a procura realmente é pouco do lado feminino.

J.K. – E os cursos que são feitos pela Federação, eles são anuais?

M.W. - Todo ano a Federação faz a reciclagem para os árbitros se atualizarem e estarem aptos para arbitrar. Agora curso para novos árbitros último foi em 2012.

J.K. - Faz tempo...

M.W. - Faz

J.K. - Sim. E tu sentiu alguma dificuldade quando tu começou a arbitrar?

M.W. - No começo, assim, no primeiro ano até que não foi tanto porque a gente sabia que ia começar lá embaixo, no Mirim, eram poucas competições que a gente ia atuar. Mas depois sim, tive bastante dificuldade por que é mulher, não tinha dupla que já é outra coisa, às vezes o parceiro não quer apitar com aquela pessoa, daí foi bastante complicado.

J.K. - A gente sabe que durante jogos de diferentes modalidades, existem xingamentos para a árbitra ou o árbitro. Nos jogos de handebol também existem xingamentos?

M.W. - Sim, tem bastante! Mas daí eles são mais delicados com mulher, eles te chamam de Rapunzel, de Avatar, por causa do tamanho. Tem a minha outra colega que ela é bem alta e daí chamam ela de Avatar [riso], é assim sabe, ou falam: “Tinha que ser mulher, tem que estar em casa no fogão”.

³⁰ Vanessa Denardini.

J.K. - E em relação ao handebol ser uma modalidade Olímpica, como tu vê a participação da Seleção Brasileira em competições como Mundiais³¹ e Jogos Olímpicos?

M.W. - Eu acho que o masculino está evoluindo bastante. As meninas eu achei, agora na última Olimpíada, que elas decaíram bastante, porque nós éramos as atuais campeãs. Eu acho que tinha algum problema psicológico entre elas, porque o time não estava engajado, não estavam se entrosando bem, eu acho, assim, eu achei fraca a participação delas, os jogos que elas ganharam, foi bem sofrido. E depois nas quartas elas já caíram fora, mas o masculino vem me surpreendendo bastante, tem evoluído bastante!

J.K. - E em relação as mulheres na arbitragem dessas competições?

M.W. - Eu vejo... Eu tenho uma dupla que eu gosto muito... Eu não me lembro... Acho que são dinamarquesas, que são duas gêmeas, e eu acho muito legal o jeito que elas apitam. Elas têm postura, elas são firmes dentro de quadra, elas chegam lá: “Sou eu que mando, eu que estou aqui, sou eu que vou conduzir o jogo.” Entende? Elas apitam muito bem! Eu sou fã, cada vez que elas apitam um jogo, eu gosto de assistir.

J.K. - Bom, teria alguma coisa que eu não te perguntei que tu gostaria de compartilhar?

M.W. - Olha, já faz trinta e dois anos que eu jogo handebol, eu estou nessa vida aí, é um vício, como a gente diz é uma cachaça a gente não consegue largar [riso]. Atualmente eu estou fazendo o curso de Educação Física na Feevale, eu ganho a bolsa atleta, sou atleta da Feevale... Eu tenho quarenta anos, vou fazer quarenta e um na semana que vem, então, já é uma idade bem avançada para quem joga handebol, ainda mais para quem joga na linha, não é? Mas eu estou feliz, eu acho que ainda a minha alma está jovem, claro que, às vezes, eu não tenho muitas condições como algumas novinhas. Mas como o meu treinador já me falou: “Na idade eu ainda estou rendendo muito dentro de quadra e estou produzindo ainda e que ele está bem feliz comigo.” E isso motiva, é bem legal! Mas eu estou bem feliz como essa nova trajetória aí, de professora, árbitra, técnica, eu chego na escola já vem todo mundo me pedir regras. Até na faculdade também, a professora já me tirou para as regras

do handebol. E até uma diretora de escola, ela dá aula em outra escola, e ela sempre faz os jogos do final do ano e não faziam handebol porque não tinha ninguém para apitar, e agora já veio falar comigo para eu apitar os jogos para ela. É bem legal isso!

J.K. – Certo! Então, eu te agradeço em nome do Centro de Memória do Esporte.

[FINAL DA ENTREVISTA]

³¹ Campeonato Mundial de Handebol.